

e com o trabalho pioneiro do Conselho Indigenista Missionário.  
 - A Assembléia enviou ainda uma carta de solidariedade à Arquidiocese de São Paulo, por ocasião do 30º dia da morte do operário Santo Dias Filho, (30 de novembro) sob o título de "Mensagem e Solidariedade da Igreja do Centro Oeste à Igreja de São Paulo," com assinaturas de quase todos os participantes da VIII Assembléia Eclesial Regional.

Goitânia, 19 de novembro de 1.979.  
 Secretariado Regional - CNBB.

Alaça mar  
 ... E que o Rio abraçe o Mar!  
 — São Francisco abraçe o Mar  
 — Jacaré abraçe o Mar  
 — Arapuaia abraçe o Mar  
 Todo Rio se ajuntando  
 numa corrente de Justiça,  
 Rio - Rio  
 abraçe o Mar!

*[Assinatura]*

# ALAGAMAR

*Dom Pedro Casaldáliga*

...E que o Rio alague o Mar!  
– São Francisco alague o Mar  
– Tocantins alague o Mar  
– Araguaia alague o Mar  
Todo Rio se ajuntando  
numa enchente de Justiça,  
Povo-Rio  
alague o Mar!

\* \* \*

Este poema para Alagamar foi escrito por Dom Pedro Casaldáliga entre 5 e 14 de fevereiro de 1980, durante a assembléia da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, em Itaici (SP), quando a Igreja Católica produziu um de seus mais importantes documentos sobre a questão fundiária no país – *Igreja e Problemas da Terra*. Dom Pedro Casaldáliga é memorialista, poeta e bispo da Prelazia de São Félix, à beira do rio Araguaia, no norte do Mato Grosso, vizinha à aldeia de Santa Isabel, dos índios Karajá. Na época, era uma das regiões de mais intensa violência contra índios e pequenos agricultores pobres, que estavam sendo expulsos de suas terras pelas grandes empresas que recebiam incentivos fiscais do governo federal.

Numa das noites da assembléia dos bispos, foi apresentada, por um grupo de artistas, a Cantata para Alagamar, em que se fala na grande e injusta violência que vinha sendo cometida contra pobres arrendatários de Alagamar, no município de Salgado de São Félix, no estado da Paraíba, pelos grandes proprietários de terra. Desde 1978, o proprietário da fazenda vinha promovendo a invasão sistemática das roças dos camponeses por seu gado, assegurando através de pistoleiros e da polícia militar, armada de metralhadoras, carabinas e bombas de gás lacrimogênio, que o gado não seria espantado durante sua obra de destruição da lavoura. Por ordem do governo, é feito um cerco armado à fazenda e passa a

ser proibida a entrada de pessoas na área, constituindo-se, assim, um verdadeiro enclave. Lavradores são presos e torturados. Em janeiro de 1980, pouco antes da assembléia dos bispos, dois eminentes prelados, Dom Hélder Câmara e Dom José Maria Pires, respectivamente arcebispos de Olinda e de João Pessoa, furam a barreira policial e vão ajudar os trabalhadores invadidos a espantar o gado e tirá-lo das roças.

A luta de Alagamar foi um dos primeiros e corajosos enfrentamentos do poder das oligarquias pelos pobres da terra com base na doutrina da não violência. Estava no auge quando Dom Pedro escreveu o seu poema, colocando-a junto de outras lutas do mesmo tipo em outras regiões, através da alegórica referência aos grandes rios em que essas lutas se desenrolavam: o São Francisco, o Tocantins, o Araguaia, vaticinando a enchente de justiça que alagaria o mar.

O poema foi escrito no canto em branco de um pedaço de papel disponível, o texto mimeografado das conclusões da VIII Assembléia Eclesial Regional, de 1979, do Regional Centro-Oeste da CNBB, realizada em Goiânia.

José de Souza Martins.